

HISTÓRIAS TEMBÉ

O Cacique Miguel era excelente orador, com as suas narrativas prendia a atenção de todos. Além das observações descritas acima, as histórias abaixo, são as revelações do “senhor das histórias” *Tembé Tenetehara*. Elas foram ouvidas por nós, algumas foram gravadas. Ele era incansável em rememorar as histórias contadas por sua mãe. Tinha prazer em nos fazer ouvir o imenso número das histórias que considerava importantes.

Algumas das histórias contou uma, duas, muitas vezes, dizia sempre que as crianças tembé deveriam ouvi-las e contar aos demais para que todos soubessem porque os Tembé são um povo indígena.

Miguel era um excelente contador de histórias, sempre que encontrava alguém disposto a ouvi-lo narrava com gosto as histórias que ouviu de sua mãe, agora depois que ele se foi, nos disse um jovem *Tenetehara*: precisamos nos fazer fortes para continuar a tradição.

Na sequência, algumas das histórias que ouvimos do amigo Miguel. Procuramos transcrever as histórias na expectativa de que o leitor as escute, quase da mesma forma como narrava Miguel.



CARUANA

Espíritos ou encantados.

Da Mãe d'água

A água tem a Mãe d'água, tem espíritos. Todos são um povo encantado. Muitas vezes, ninguém acredita, mas existe. Existe na mata, existe na água. Existe **caruana**. O *Tenetehara* respeita muito a natureza devido aos caruanas. Hoje, ninguém chama mais caruana. Sei lá como se chama! E, se chamam.

Hoje a sociedade branca está desmatando, não tem mais nada. Até nossos próprios rios estão se acabando. Hoje nós quase não damos atenção às crenças, mas essas coisas existem. Um dia desses o menino adoeceu aqui com uma dor de dente. Levei-o ao hospital, ele foi medicado, tomou injeção, porque não podia arrancar o dente inflamado. Eu trouxe o remédio, ele tomou, mas não melhorou. Foi então que eu saí de noite com minha bicicleta e o levei até a Raimunda. Ela rezou nele e só então pode arrancar o dente. Segundo a Raimunda o problema veio da água. Ele não respeitou a mãe d'água!

[A história revela o cuidado que se deve ter com as águas.]



A Mucura

A **Mucura** tinha uma filha que estava na idade para casar. Foi então que apareceu um rapaz na casa da Mucura. O moço era baixinho e gordinho. Depois de conhecê-lo, filha da Mucura falou com seu pai: apareceu um rapaz tão bonitinho. Ah! Casa-se com ele, disse o pai da jovem Mucura. Ao que ela respondeu: eu queria casar com ele. Então, falou o pai, vai dizer para ele vir até aqui.

Quando o moço chegou, todos viram que era um jovem rapaz Lontra (*Lontra longicaudis*). O pai da pequena Mucura se dirigiu ao Lontra educadamente e disse: eu mandei te chamar aqui porque a minha filha se agradou de você e quer casar com você. O Lontra, animado, respondeu: foi? Então, tá! Só que tem um detalhe: amanhã nós vamos trabalhar, disse o pai, olhando severamente. Está bem! Depois disso, os jovens começaram a namorar.



MUCURA é o nome dado ao gambá na Amazônia. É um mamífero marsupial (possui bolsa). "Come de um tudo" pois é onívoro, gosta de atacar os galinheiros, é o terror das criações, que confinadas não conseguem se livrar do predador. É também conhecido como: sariguê, saruê ou sarigueia e tantos outros nomes depende da região.

Certo dia, o pai Mucura chamou o Lontra e avisou: amanhã nós vamos pescar. Mas eu não vou! Você vai junto com a minha filha. O Lontra concordou. Chegando ao local de pesca ele disse à esposa, você fica esperando e faz um fogo para mim. Então a Mucura fez o fogo. Quando o fogo estava aceso, o Lontra pulou em meio ao fogo e se enrolou e enrolou. Depois, jogou-se na água. Minutos depois, subiu com o braço cheio de peixes: tá aqui! Disse o esposo Lontra. O casal colocou os peixes em um paneiro (cesto) e os levaram para casa. Ao chegarem, o pai Mucura perguntou: como é o trabalho dele? Ah papai! Enquanto o senhor tem um trabalhão para pegar peixe, o Lontra não tem quase nenhum. Sabe como ele faz? Ele manda fazer um fogo, ai se enrola dentro e depois cai na água. Quando sai é trazendo os peixes. O Pai Mucura, rapidamente respondeu: ah rapaz! Isso ele aprendeu foi comigo. Não acredito! Disse a filha Mucura. Amanhã nós vamos pescar, disse o pai contrariado.

No dia seguinte, pai e filha fizeram o mesmo procedimento que o Lontra executou no dia anterior. Quando o fogo estava aceso, o pai Mucura se enrolou na fogueira, mas se queimou todo; jogou-se no rio, mas não trouxe peixe nenhum. Enraivecido, avisou à filha: quando eu chegar em casa vou mandar aquele cara embora! Não está vendo que isso não é jeito de se pescar. Ao chegarem em casa, a filha Mucura avisou ao seu namorado: papai disse que é para você ir embora. O Lontra, sem questionar, disse: está bem.

Dias depois, quando ainda se recuperava das queimaduras, o pai Mucura ouve sua filha falar: papai, apareceu outro rapaz. Eu não acredito! Você se agradou dele? Sim, eu me agradei dele. Então vai dizer para ele vir aqui. Então a moça chega junto com seu novo pretendente, o Pica-Pau (*Celeus Flavesceus*). Ao vê-los, o pai Mucura pergunta: e você quer a minha filha? Sim, responde o pretendente. Ela se agradou de você? Não sei. Sim, ela se agradou. E você quer casar com ela? Eu quero, afirmou o Pica-Pau. Com muita esperteza, o pai Mucura avisa de imediato ao Pica-Pau: olha, você vai ficar com ela. Mas tem uma coisa: amanhã vocês vão trabalhar. Primeiro eu quero que vocês colham sapucaí (*Lecythis pisonis*). O novo casal seguiu as ordens do pai Mucura. Chegando ao local de colheita, o Pica-Pau subiu na árvore e derrubou os frutos para a filha Mucura pegá-los. Em seguida, orientou o seguinte: agora você bate com o sapucaí na minha cabeça, assim vai abrir o tampo do fruto. A Mucura fez como indicado: largou o coco de sapucaí na cabeça do Pica-Pau e o fruto se abriu. Então o Pica-Pau disse: assim que se faz. Tudo muito fácil.

Ao chegarem em casa, o pai Mucura logo quis saber como a coleta havia ocorrido. Voltou-se para Filha e perguntou: e aí? Como foi o trabalho? O trabalho dele é fácil. Eu só tive o trabalho de derrubar o sapucaí. Depois o Pica-Pau quebrava na cabeça. Então, rapidamente, o pai Mucura responde: ah, isso ele aprendeu foi comigo!

Para não deixar dúvidas, o pai Mucura chamou a sua filha para o mato. Chegando ao local das palmeiras de sapucaí, a filha Mucura coletou os frutos do mesmo modo. Em seguida, seu pai começou a bater com a cabeça nos sapucaí. No entanto, o fruto não se abria. A dor de cabeça do Pai Mucura só aumentava e as batidas do sapucaí quase o deixam morto. Os frutos caíam para todo lado. Não abriu foi nada! Enfurecido, o pai Mucura gritou: vou chegar em casa e mandar aquele homem embora! Que coisa!

E mais uma vez, a filha Mucura perdeu um pretendente a noivo. Mas outro possível namorado resolveu aparecer. Dessa vez foi o Paturi, um pássaro de cabeça vermelha, que gosta de comer açai. Como já era de costume, logo a jovem Mucura apresentou o novo namorado ao pai: apareceu um rapaz bonito. Vai dizer pra ele vir aqui. Ao ver o Paturi (*Netta erythrophthalma*), o Pai Mucura foi logo antecipando:

— Olha, minha filha disse que você se agradou dela. E ela quer casar com você.

— Pois não — respondeu o Paturi.

Mas, no dia seguinte disse, o Pai Mucura mandou os dois pescarem. Chegando ao rio, o casal começou a se organizar para entrar na água. O Paturi, então, disse: — Olha, para pescar você só precisa subir nas minhas costas. Eu vou te levando e você vai pescando.

E assim foi feito, a jovem Mucura subiu nas costas do namorado e saiu pescando. Rapidamente, os dois pegaram muitos peixes. Ao chegarem em casa, o Pai Mucura logo perguntou: — E aí? Como foi a pescaria? — A pescaria dele é importante. Ele saiu me levando nas costas e eu ia pescando. Rapidinho nós pegamos muito peixe.

Como era de se esperar, disse o Pai Mucura: — Rapaz! Mas isso ele aprendeu foi comigo.

Logo em seguida, o Pai Mucura foi fazer o mesmo. Porém, quase morre afogada e quase mata a própria filha! Novamente, o Pai dispensou outro pretendente da Filha. Mas um último rapaz apareceu. Dessa vez foi o Carrapato.

Um belo dia, a Filha Mucura e o seu namorado Carrapato (*Rhipicephalus sanguineus*) foram coletar açai. Chegando lá, o Carrapato subiu no açazeiro e derrubou uns cachos do fruto. Para poder descer, o rapaz montou em uma folha e caiu bem calminho até o chão.

Chegando em casa, o Pai Mucura foi logo indagando a Filha: — E aí? Como foi?

— Ele derrubou os frutos no chão e aí só tive o trabalho de juntar. Para descer, ele veio na folha do açai. — Ah, rapaz! Ele aprendeu foi comigo essas coisas.

Mais uma vez, o Pai Mucura contou vantagem e, como era de se esperar, no final tudo saiu errado. Chamou a Filha e foi tirar açai. Depois de ter lançado os cachos para baixo, resolveu descer do mesmo modo que o Carrapato. Arrancou uma folha, sentou nela e se jogou de cima da palmeira. A queda foi grande: abouuuu!!!! O Mucura se quebrou todinho. Por isso, até hoje, as mãos das mucuras são tortas. E, também, elas podem cair de qualquer altura e não morre de queda.

[Miguel dizia que se deve ter cuidado com as crianças, há muito aventureiro no mundo.]



O coelho e as onças

Um Coelho (*Oryctolagus cuniculus*) tinha quatro filhos recém nascidos. Ao retornar à sua toca, depois de uma caçada observou que a Onça tinha comido todos as suas crianças. Preocupado com o ocorrido, jurou que a Onça ia pagar pelo que fez. Instantes depois, o Coelho resolveu usar a sua inteligência e pensou: — Eu vou esperar a camarada Onça.

Ao se aproximar vagarosamente do animal, o Coelho observou que a Onça estava tirando cipó. A Onça, ao ver o Coelho, disse: — Camarada Coelho! Que estais fazendo aí? Tirando cipó? — Rapaz, sim. Estou tirando cipó. Passaram-se alguns minutos e o Coelho continuou tirando cipó e observando a sua inimiga. Foi então que a Onça avisou: — Rapaz, eu vou embora. — Não, não vá embora não! Queria que você me amarrasse — disse o Coelho.

Sem entender, a Onça responde: — Amarrar para que? — Porque vai dá uma ventania muito forte. Vai nos levar para um lugar que nós não comemos, não bebemos.

É um lugar muito triste e ruim. E aqui não. Aqui nós temos água para beber, aqui tem muita comida. — É mesmo? — disse a Onça. — E ninguém segura! Rapaz, eu vou me amarrar em um pau bem forte. E você vai fazer esse serviço pra mim, e é agora! A Onça ficou pensativa por um instante e depois falou: — Não. Vamos fazer o seguinte: você me amarra primeiro, aí depois vem outro e lhe amarra. O Coelho concordou. A onça se encostou em um pau e o Coelho amarrou bem amarrado, deixando a Onça bem presa. Quando acabou, o Coelho pegou outro cipó, torceu as duas pontas e fez uma muchinga, uma chibata, um chicote com cipó longo, flexível e trançado. A Onça, sem entender nada, perguntou: — E esse cipó é para que? — Para que é? Esse daqui é para dar uma surra na tua bunda, até arrancar o couro. Assim tu me pagas os meus filhos que tu comeste. Depois do aviso, o Coelho meteu a chibata para cima da onça: pá, pá, pá. Até quebrar o cipó todinho. O couro da bunda da Onça ficou todo esfolado. — Agora está bom! Agora tu ficas ai sozinha. — disse o Coelho, satisfeito com a surra. Tempos depois, passou a Cutia no mesmo local. A Onça, aproveitando para pedir ajuda, disse: — Ei, camarada Cutia! Vem me desamarrar aqui, rapaz. — Não. Você ‘tá é com fome. — disse a Cutia, ressabiada. Outros animais passaram pelo local. A Onça insistiu no pedido de ajuda com todos, mas ninguém concordava em ajudá-la. Passou o Veado, o Catitu, o Jabuti. Para piorar a situação, não passava nenhuma outra camarada Onça no local. Até que passou um grupo de macacos chamados Caíe. A Onça, novamente: — Vem me desatar aqui, camarada Macaco. — Não vou não. — respondeu imediatamente um dos macacos. Um outro macaco, resolveu ajudar. Mas sugeriu um modo seguro para retirar a Onça de suas amarras: — Desata os cipós, mas não desata as mãos. Começa pelos pés e deixa as mãos por último. Depois tu viras para o lado das costas dela, já que o nó está por trás. Ai quando ela quiser pular em ti, tu dá o teu jeito. Assim o macaco fez. Desceu da árvore, foi lá e desatou todos os nós, mas deixou as mãos por último. Quando foi desatá-las, a onça ainda jogou a mão para pegar o Macaco. Mas ele era ligeiro e conseguiu se livrar.

A Onça, então, pode ir para casa. Chegando lá, as outras onças perguntaram: — Camarada Onça, o que foi isso? — Foi o camarada Coelho. — Mas rapaz! Ele te açoi-tou. Pois nós vamos pegar ele e vamos comê-lo, não tem jeito! Para pegar o Coelho, vamos cercar o bebedouro. Juntas, todas as onças cercaram o bebedouro: — Só tem

esse bebedouro. Ele tem que vir para cá. — disseram elas. Coelho chegou de mansinho no bebedouro e viu que a onçaria estava toda por lá. Foi então que passaram duas pessoas pelo local. Dois homens para tirar óleo de copaíba, cada um com um balde, uma cabaça e um coité. Encheram suas vasilhas de óleo e o Coelho observou tudo aquilo. Foi então que resolveu correr e se jogar no caminho que os homens iriam pra mata. Vendo o bicho jogado no chão, os homens disseram: — Olha, um coelho morto! Coelho bonito e grande. Mas deixa ai. Se fosse ao menos uns dois, nós podíamos levar para tirar o couro. Os homens passaram. O Coelho resolveu levantar e deitar mais à frente, de novo. Vendo novamente o animal, os homens dizem: — Deixa! Nós já vamos muito ocupados mesmo. O coelho levantou de novo. E nessa arrumação, ele caiu mais ou menos umas dez vezes. Um dos homens disse: — Rapaz, são dez couros de coelho. E couro de coelho está dando dinheiro. Serve para muita coisa. Nós podíamos tirar o couro. Após ambos concordarem com o novo trabalho, um dos homens explicou: — Então vamos começar do primeiro. Nós deixamos os jamarú e os baldes aqui, voltamos ao primeiro coelho e vamos tirando os couros até chegar aqui novamente. Quando os dois homens se afastaram, o Coelho se jogou dentro de um dos baldes. Ficou todo melado de copaíba (*Copaifera langsdorfii*). Depois, saiu e se jogou nas folhas que estavam no chão. Ficou todo coberto com a folhagem e saiu em direção ao bebedouro. Ao chegar lá, as onças o viram e disseram: — Rapaz, lá vem a camarada folharal. Arreda, arreda... Deixa-o beber água. O coelho, então, bebeu sua água. Depois, seguiu e quando chegou mais à frente disse assim: — É o homem que eu tirei o coró da bunda? A Onça, enraivecida, disse: — Mas olha! É o camarada coelho! Foi então que todas as onças correram atrás do coelho. Mas não conseguiram pegá-lo. Passou um tempo, o Coelho ficou com sede novamente e queria beber água. Mas o bebedouro continuava cercado. Foi aí que ele teve outra ideia. Achou uma casa de cupim, cavou e passou as pernas e os braços por dentro, vestindo-se com o cupinzeiro. Depois disso, foi novamente ao bebedouro. Ao ser visto pelas onças, elas falaram: — Ih, lá vem a Mãe de Cupim. Deixem-na beber água. O Coelho disfarçado bebeu sua água. Mas quando saiu na frente, tirou a casa de cupim e falou: — O homem que eu tirei o coró da bunda! Enfurecida, as onças correram atrás dele novamente. Dessa vez, porém, conseguiram segurar a perna dele. O Coelho ainda tentou dizer que elas tinham

pegado somente uma raiz. Mas não deu certo. As onças o deixaram preso dentro da casa de cupim e o levaram. — Agora que ele está aqui, vamos pegar as ferramentas para tirar ele do cupinzeiro. No caminho, avistaram o Urubu e disseram: — Ei, camarada Urubu (*Coragyps atratus*). Tu queres comer as tripas do Coelho? — Ah rapaz, eu quero sim. — disse o Urubu. — Então fica reparando aqui, porque nós vamos em casa buscar os equipamentos para arrancar esse sacana de dentro da casa de cupim (*Coptotermes havilandi*). Nós vamos comer ele. As onças foram para casa e deixaram o cupinzeiro seguro com uma pedra. Vendo que estava só com o Urubu, o Coelho disse assim: — Ei, camarada Urubu! Rapaz, tu vais comer minhas tripas? Olha, quando nós estamos apastorando um prisioneiro nós precisamos olhar através da boca do buraco, bem de perto. — Para que? — disse o Urubu. — Para ver se o cara está dentro mesmo. O Urubu acreditou no Coelho e foi olhar pelo buraco da casa de cupim. Nesse momento, o Coelho jogou areia nos olhos do Urubu. O pássaro ficou pulando, pulando e saiu de perto do Coelho. Ao chegarem, as onças disseram: — Cadê ele? — Tá aí. Agorinha ele jogou areia nos meus olhos. — respondeu o Urubu. — Rapaz, nós vamos já é cavar essa casa de cupim. As onças cavaram, cavaram e cavaram. Chegaram ao fim do buraco e não tinha era nada. O Coelho já tinha ido embora! Como resultado, culpavam o Urubu.

As Onças, então, resolveram criar um plano para pegar o Coelho fugitivo. — Vamos enganá-lo. Vamos dizer que o nosso cacique morreu e nós vamos convidá-lo para ver nosso chefe. Porque nosso chefe era muito bom e o Coelho faz parte também da nossa turma. Quando ele chegar aqui nós o pegamos. Ao chegarem na casa do Coelho, as onças disseram: — Olha, camarada Coelho, nós viemos aqui para te convidar para o velório do nosso chefe. Ele morreu e é pra você ir até lá. Desconfiado, o Coelho respondeu: — Tá certo. Daqui a pouco eu vou até lá. Só me esperar que mais tarda eu apareço. O Coelho esperou um tempo e disse: — Agora eu vou lá. Ao chegar próximos à casa das onças, ficou de longe e disse: — Cadê o chefe? Ele morreu? — Morreu! gritaram as Onças. Vendo que o Coelho se aproximava, as Onças começaram a se organizar: — Vamos colocar o Chefe em cima do pau, para dizer que ele está morto. Quando o Coelho entrar aqui nós o pegamos. Só assim vamos conseguir, porque correndo no mato ninguém consegue pegá-lo. Muito desconfiado com a situação, o Coelho continuou falando de longe: — Ei, ele morreu mesmo? — Morreu! Gritavam as onças. — Olha, meus avós diziam que quando

o cara morre ele peida. — Mas que conversa é essa? Com medo de perder a presa, as onças ficaram em um cochicho nos ouvidos umas das outras: — Peida aí para ele ouvir.

disse uma das onças para o Chefe. Em seguida, gritou para o Coelho: — Já peidou! — Mais outra vez. — Pediu o Coelho. — Peidou de novo. — Eu nunca ouvir dizer que morto peida. — Ironizou o Coelho ao longe. Descobrimo a farsa das onças, o Coelho foi embora. A Onça ferida com a surra, por sua vez, ficou a imaginar outro modo de pegar o esperto coelho. Decidiu-se, então, organizar uma festa. Como o Coelho era tocador, ele seria convidado para animar as danças. Assim elas fizeram. O Coelho aceitou o convite, mas com a condição de ser acompanhado pelo Macaco. As Onças não gostaram da ideia e disseram: — Não, nós queremos só você mesmo. O macaco toca bem, mas não é que nem você. Insistente, o Coelho disse: — O Macaco é meu discípulo. As onças finalmente aceitaram a presença do Macaco tocando na festa. Depois do acordo feito, o Coelho foi até o seu parceiro de música e pediu suas roupas emprestadas: — Olha Macaco, me empresta a tua roupa e o teu chapéu que eu vou já tocar na festa. Às sete para as oito horas da noite o Coelho chegou vestido com as roupas do macaco. Todos olharam e disseram assim: — Rapaz, chegou o macaco. O Coelho vestido de Macaco ficou tocando e as onças dançando. Algumas horas depois serviram uma bebida pra ele. O tocador, porém, ficou porre deitou no chão. As onças, vendo a situação, resolveram conferir se o Macaco era realmente quem dizia. Ao tirarem o boné da sua cabeça, depararam-se com dois orelhões: Rapaz, quem está aqui é o camarada Coelho. Vamos comê-lo assado! Faz o fogo! Vamos pegar ele vivo e jogar dentro do fogo. Assim ele vai pagar o que fez para o camarada Onça. Foi ai que fizeram uma coivara de fogo. Quando o fogo estava aceso mandaram jogar o Coelho. Mas nesse momento a vítima acordou: — O que vocês vão fazer comigo? — Vamos te matar queimado. disseram as Onças. Rapidamente, o Coelho gritou: — Fogo não me mata. Agora o que me mata é água. As Onças, empolgadas com a possibilidade de maltratarem o Coelho decidiram jogá-lo no rio. Feito isso, o Coelho nadou rapidamente e só apareceu do outro lado. Satisfeito por ter escapado novamente, o Coelho gritou: — O homem que eu tirei o coró da bunda.

[É por isso que os coelhos têm medo da água até hoje. Por isso também que eles são assustados na mata. Não podem ver ninguém se aproximando que correm.]

Apurike, o macaco


Houve um dia em que os *Tenetehara* pegaram uma preguiça (*Bradypus variegatus*). De noite ela se transformava em uma pessoa, uma mulher. Com essa arrumação, a preguiça engravidou. Mas deu à luz a um macaco, que todos passaram a chamar de preguicinha. A mãe da criança faleceu logo após o parto, mortas pelos humanos. Quando cresceu, o preguicinha virou menino, mas todos o chamavam pelo nome preguicinha. O menino era criado pelos *Tenetehara*.

Então o garoto começou a ajudar os parentes na produção de farinha, de tapioca e de goma. O preguicinha costumava guardar tapioca, mas todos os dias seu avô comia tudo. O velho acabava com a dele e começava a comer a tapioca do menino. Chateado com a situação, o menino decidiu ir embora da aldeia. Pegou sua cuia e saiu. Mas antes avisou: quando eu passar por perto da aldeia e vocês ouvirem meu canto é porque alguém da família vai morrer.

Ao chegar no mato, o menino se transformou em maçado, o macaco quatro olhos. Na língua *Tenetehara* o chamamos de *Zupati*. Então, até hoje, quando se escuta o canto do *Zupati* próximo à nossa casa, já sabemos que um familiar irá morrer.

O mesmo ocorre com o tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*). Todas as vezes que encontramos tamanduá durante o dia, é sinal de que algum parente vai morrer. Isso aconteceu comigo. Certo vez, eu estava indo para o igarapé tomar banho, por volta das 10h da manhã, quando vi um tamanduá próximo à água. Poucos dias depois minha mãe faleceu. Da última vez que encontramos um tamanduá dentro da aldeia, uma parente também morreu logo em seguida.

[Os bichos se transformam e, muitas vezes, dão sinais, avisos. Miguel prosseguiu, é bom escutar o que dizem os animais, eles têm língua própria!]



Vamos descobrir pensando, de cada história o Cacique Miguel tira uma, duas, muitas lições. Aproveite as histórias e junto com os mais velhos e experientes, ou ainda, com seus professores pensem em aprender mais sobre a vida dos animais. Descubram se há animais perto da sua casa, da escola, do rio e assim por diante.

Do Bacurau, o pássaro da noite

Havia um menino, chamado Iraí. Que irritado com o canto do Bacurau (*Nyctidromus albicollis*), começou a reclamar com o pássaro, ameaçando rasgar a sua boca para nunca mais ter que ouvir seu cântico. O Bacurau ficou chateado e levou o menino para o outro lado do rio. Iraí ficou perdido, perdido não sabia como voltar para casa. Na outra margem, sem saber onde estava, o menino encontrou com o Pica-Pau e pediu ajuda, mas o pássaro não tinha como carregá-lo. Em seguida, surgiu um Jabuti (*Chelonoidis carbonária*), para quem o menino pediu ajuda novamente. Porém, mais uma vez, não havia como atravessar o garoto. Iraí pediu ajuda para vários bichos, mas nenhum conseguia ajudá-lo!

Foi então que veio o Paturi (*Netta erythrophthalma*) em uma canoa. Sem poder colocar Iraí na embarcação, o Paturi pediu ajuda do Jacaré, para carregar o menino nas costas e atravessar o rio. Mas antes, o Paturi avisou que o menino não podia ficar importunando o Jacaré (*Melanosuchus niger*), caso contrário poderia chateá-lo.

O jacaré veio e Iraí subiu em suas costas. No caminho, o pequeno curumim começou a fazer comentários sobre o Jacaré: — Oh bicho das costas feias, cheias de curubas (feridas). Que cabeça feia, parece um sapato. Que rabo feio, mais parece um serrote. Que bicho da catinga fedorenta, catinga velha enjoada. Que coisa feia!

O jacaré ficou calado o tempo todo. Chegando à margem do rio, o menino pulou das costas de seu ajudante de travessia e gritou: — Bicho enjoado! E saiu correndo. O jacaré ficou enraivecido e foi atrás. No caminho, o garoto encontrou um Socó (*Tigrisoma lineatum*) e pediu ajuda, dizendo que o jacaré queria comê-lo. O Socó, então, escondeu Iraí no saco da sua goela. Quando o Jacaré passou, perguntou pelo garoto. O Socó disse que não havia visto ninguém, mas o Jacaré perguntou porque havia rastro do Iraí no chão.

O Socó novamente disse que não viu e que não estava escondendo ninguém. Passado o perigo, o Iraí saiu do bico do Socó e foi para mata. A fome começou a chegar e o menino resolveu dormir. Foi então que o filho do Beija-Flor (*Trochilus*) chegou e



perguntou se o menino queria comer: — Logo ali na frente tem um pé de mari (*Cassia leiandra Benth*). Pode comer mari que tu vais tranquilo. Leva um bocado pra tu ires comendo. Faz um paneiro e coloca dentro.

O menino teceu um paneiro com envira de sapucaia e colocou as frutas dentro. O menino, ainda perdido, continuou perambulando pela mata. Conversava com todos os bichos. Foi então que um dia ele encontrou com a Cutia. Iraí então pediu à Cutia que lhe emprestasse um tição de fogo. A Cutia foi tentar pegar o fogo da casa da Jibóia (*Boa constrictor*), mas a cobra prendeu os dois: — Agora vocês dois serão minha comida! Disse a Jibóia. Foi então que a Cutia disse que o menino não podia demorar, já que o seu chefe estava esperando por ele: — Mas quem é o chefe dele? Perguntou a Jibóia. — O chefe dele é o Acauã (*Herpetotheres cachinnans*), disse a Cotia.

Como a Jibóia tem medo do Acauã, liberou Iraí e a Cotia. O menino andou novamente até chegar à casa da Coelha, que o acolheu durante a noite. No outro dia, a Coelha o levou até o Catitu, que conhecia os pais de Iraí: — Para onde tu vais? Perguntou o Catitu. O garoto respondeu que estava procurando a casa do pai, disse que estava perdido. O Catitu então respondeu: — Meu roçado é ao lado do roçado do teu pai. Vou te levar até lá.

Foi então que finalmente o Iraí encontrou a barraquinha dos seus pais. Correu para abraçar a mãe, mas ela não podia abraçá-lo: — Não posso te abraçar, porque está com muito anos que estais perdido no mato. Tu estais cheio de caruara e não pode ser abraçado! Disse a mãe do garoto.

De repente, aparece o pai de Iraí. O homem não suportou e acabou abraçando o menino. Iraí entrou no corpo do pai; os dois corpos se juntaram com o abraço. Depois, os dois desapareceram.

[Com caruara não se brinca, ele exige respeito, ensinou Cacique Miguel.]



História do Caipora

Havia um *Tenetehara* que todo dia ia caçar. Mas ele não matava a caça! Ele via veado, porco, cutia... as caças do dia. Atirava em todos e ia embora. Não matava de uma vez. Mas, certo dia, ele já estava voltando da caça, quando a Caipora atravessou seu caminho.

O Caipora andava pelo mato montada em um veado e acompanhada de muitos bichos: porco, cutia. Ela ia aboiando todos eles. Vendo aquilo, o *Tenetehara* se escondeu atrás de um pau. Porém, todos os animais sentiram o *Tenetehara* e se espantaram. Todos correram para um lado diferente. O Caipora ficou enfurecida, pois sabia que o *Tenetehara* estava caçando sem necessidade. Logo desconfiou que os bichos se assustaram com ele: — Mas um dia eu te pego, disse o Caipora.

O *Tenetehara*, porém, permaneceu escondido e resolveu ir embora. Chegou em casa assustado, sem trazer nada nas mãos. Nesse dia não conseguiu matar nada. Nem um nambu (*Tinamus guttatus*) matou, porque não teve jeito. Toda vez chegava com um Nambu, uma caça pequena, o bicho fugia.

Na aldeia, outro *Tenetehara* vendo a situação do parente, disse: — Mas rapaz, você está ruim!

Assustado, o caçador respondeu: — Eu vi o dono do mato montado e tangendo os bichos. Eles se espantaram e eu não pude atirar. Porque se eu atirasse o Caipora ia me pegar.

Passaram três dias e o caçador *Tenetehara* foi de novo para mata. Novamente não conseguia pegar nada! Mas ele ia boiando... aí se escondeu. As caças continuavam a fugir e o *Tenetehara* se metia cada vez mais no mato. Mas de repente, foi pego pelo Caipora!

— Agora tu vais junto comigo! Disse a Caipora ao agarrar o *Tenetehara*. O Caçador, nesse momento, passou a ser carregado como uma caça e levado para longe.

Chegando à casa da Caipora, bem no meio da mata, o *Tenetehara* viu todos os animais que ele havia ferido: uns com mão quebrada, outros mortos, alguns dando bicho, uns bem magrinhos.

— Todos esses animais foi você que feriu. Alguns morreram agonizando, dando muito trabalho para mim. Tudo isso porque você não atira seguro, para matar e levar somente um animal. Para que fazer essa ganância? Porque tem gente assim?

Depois de mostrar todos os animais feridos pelo caçador *Tenetehara*, o Curupira o manteve em casa, dando alimento durante a noite.

— Pois é! Você vai passar a noite. Só volta amanhã. De hoje em diante você vai pega só aquele que você conseguir matar e levar. Não fique, apenas, ferindo.

No dia seguinte, o caçador *Tenetehara* retornou à aldeia. Seus parentes, preocupados, questionaram seu paradeiro. O *Tenetehara* então explicou o acontecido. Completamente nervoso falou:

— Estou traumatizado com o que eu vi. De hoje em diante eu só vou caçar uma vez por semana!

[Desde então, para não se deparar com o Caipora, nenhum *Tenetehara* caça além do que irá comer ao longo da semana. O Caipora, quando descobre alguém caçando por maldade, judia mesmo. Essa é a história da Caipora!]



História do Guariba

Segundo a história, o Guariba (*Alouatta fusca clamitans*) perdeu os pais quando ainda era recém-nascido. O tempo passou e, aos 15 anos de idade, ele resolveu buscar as referências das suas origens. O Guariba queria saber mais sobre seus pais. A maneira que encontrou para descobrir algo foi sair pelo mundo perguntando como seu pai cantava. A todos indagava, mas ninguém sabia responder ao certo. Alguns diziam uma coisa, outros afirmavam algo totalmente diferente. Não tinha jeito nenhum para encontrar! Foi então que o Guariba, passando pela casa da Preguiça, resolveu indagá-la: — Preguiça, tu sabes me contar como meu pai cantava?

A Preguiça pacientemente respondeu: — Sim, eu sei. O guariba ficou animado e logo já queria saber a resposta: — Então, como é? — Ele estava afoito, depois de tanto tempo de procura.

A preguiça, sempre paciente, respondeu: — Olha, deixe-me terminar de pentear meus cabelos. Depois eu vou te ensinar. Após alguns momentos de espera, as duas personagens sobem para a parte mais alta da árvore onde estava a casa da Preguiça. Foi então que a informante, calmamente, começou a cantar. A forma de cantar da Preguiça era semelhante à do Guariba, mas com um tom diferente. De todo modo, foi o suficiente para o Guariba lembrar do canto do seu pai. Emocionado, abraçou a Preguiça e agradeceu muito. A aproximação entre o Guariba e a Preguiça fez surgir outra família, posto que o primeiro casou-se com uma das filhas da sua interlocutora. A Preguiçinha e o Guariba formaram uma família. E, então, começou uma nova geração!



História da Capivara

Certo dia, um *Tembé* resolveu amansar uma Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) que vivia em um rio próximo à sua aldeia. Com o passar do tempo, o animal virou pessoa, especificamente uma bela mulher. Diariamente, ao meio dia, o parente ia ao igarapé tomar banho e encontrar-se com a Capivara. Porém, ele esperava todos os outros parentes saírem de lá, para poderem banhar-se sozinhos. Sem saber de nada e curiosos com os novos hábitos do parente, os outros *Tembié* resolveram investigar. Foi então que um deles, irmão do enamorado *Tembé*, seguiu-o até o igarapé.

Chegando lá, observou seu irmão chamar pela Capivara, mas pelo seu nome na língua *Tenetehara*: “Açuré, Açuréeee, Açuréee!”. Tal foi a surpresa do investigador indígena, ao ver a Capivara nadando em direção ao solitário *Tembé*. Ao passo que se aproximava e saía da água, seu corpo ia se transformando em mulher, bonita e exuberante. Assustado, o observador exclama: — Mas rapaz! O que é isso?

Ao voltar para aldeia, o irmão do ‘amansador’ da Capivara espalha a notícia entre seus pares. Preocupados com a situação atípica vivenciada pelo parente, todos decidem ir à caça do animal, no intuito não somente de matá-lo, mas de servi-lo como refeição. Essa foi a única maneira que todos encontraram para evitar que o bicho retornasse aos encontros com o *Tembé* apaixonado.

Com tudo planejado, todos esperaram o irmão sair para caçar sozinho. Logo depois, foram ao igarapé e chamaram: “Açuré, Açuréeee, Açuréee!”, do mesmo modo como o enamorado índio fazia. Quando a Capivara já se transformava em mulher, o grupo de índios lançou várias flechas contra a figura humana, matando-a dentro d’água.

No outro dia, o *Tembé* apaixonado vai ao igarapé, como sempre fazia. Dessa vez, porém, seu chamado não é atendido. Desesperado, ele gritava: “Conecutara açuréeee?”, que quer dizer “onde tu estás, Capivara?”. Nesse momento, seu irmão se aproxima e lhe mostra o cachimbo do animal: — Olha aqui... — em seguida, explica ao irmão o acontecido e a situação de perigo em que se encontrava.

Quando entendeu o que aconteceu, o amante da Açuré chorou. Ficou louco e foi pra dentro da água procurando sua antiga namorada. Acabou desaparecendo, dentro da água. Mas, em pouco tempo, reapareceu. Mas estava transformado em boto. E é por isso que hoje existe o boto: ele surgiu da tragédia com a capivara. Sua irmão acabou o acompanhando na sua transformação, surgindo com isso um casal de botos idênticos a um homem e a uma mulher. Eles costumam aparecer na praia. O boto sai da água transformado em pessoa e vai para as festas. Os praianos têm muito respeito com boto!

